

CORPOS PESQUISADORES:
ESCRITOS COM REGINA FAVRE

Regina Favre
Flavia Liberman
Viviane Santalucia Maximino
Fernando Pena Miguel Martinez

Hoje, o ambiente dos corpos não é apenas a natureza ou somente as relações interpessoais dos pequenos ambientes familiares. O mercado global torna-se o ambiente onde os corpos nascem, vivem e morrem num contínuo jogo de forças. Diferente do poder moral das famílias e das instituições, o mercado não vigia e pune, mas exerce uma captura das forças formativas nos corpos. Age diretamente sobre as forças da vida e sobre as formas que os corpos tomam para fazer suas vidas, ou seja, sobre os modos particulares de desejar e fazer-se corpo. O mercado inunda nosso espaço corporal através de um duplo jogo: a ameaça de exclusão e desconexão das redes que formam a realidade global e a seguir a oferta de formas de ser e viver corporais disponíveis no mercado como aparente forma de inclusão e tranquilização momentânea do nosso terror. Esse se tornou hoje o problema central da nossa corporificação.

Desenvolver estratégias para vivenciarmos-nos como corpos na multidão é fonte de potência. O mercado é regido e explorado por uma pequena rede de poder global, o 1%. E nós, os 99%, somos a multidão. Diferente do que o mercado, com seu constante canto de sereia tenta, e muitas vezes consegue, nos convencer, nossa força está justamente em não sermos especiais. Nossa força está em lutar e amadurecer para a evidência de que a vida se dá em rede e que é possível agir como parte. Esse é um conceito pragmático, clínico e ético.¹

Breve biografia de Regina

Formada em Filosofia pela PUC-SP, psicoterapeuta, educadora e pesquisadora, integra a primeira geração da terapia política do corpo no Brasil dos anos 1970, quando iniciou-se como terapeuta reichiana em Londres. Identificada com a contracultura e o alternativo e com uma longa passagem pelo chamado campo neo-reichiano, foi “participante ativa e sobrevivente da mutação social ocorrida em nossas vidas”. No encontro com Félix Guattari, no início dos anos 1980, coloca em questão a utilidade da Psicanálise para a compreensão do corpo vivo e em ação, embora nunca tenha deixado de viver uma análise pessoal. Encontra em Stanley Keleman, que descobriu em 1986 e com quem se manteve em contato até 2005, um conceito de corpo como um contínuo processo de produção de si dentro do acontecimento, ressonante com a ideia spinozista de imanência. Desde então, cultiva no Laboratório do Processo Formativo, dispositivos de educação e clínica que nos concebem como corpos subjetivos dotados do impulso de formar a si, amadurecer para a realidade de ser parte de processos maiores e cultivar a potência de gerar a diferença.²

1 Publicações de Regina Favre disponíveis em <www.laboratoriodoprocessofornativo.com>.

2 Publicações de Regina Favre disponíveis em <www.laboratoriodoprocessofornativo.com>.



Foto 3. A presença de Regina

Em determinado momento da pesquisa, Regina Favre foi convidada para coordenar um trabalho com o grupo de pesquisadoras. O texto sobre esta oficina, realizada em 2015, foi escrito a partir de vários encontros das autoras deste capítulo, com ela, para assistirem juntas as gravações em vídeo feitas naquela ocasião. Ao assistirmos, conversávamos sobre vários pontos que nos chamavam a atenção, produzindo conhecimento em ato e construindo outras camadas para aquela experiência.

Sobre isto Regina comenta: “. . . é um trabalho de edição do acontecimento captado de certo modo: cartografado, videogravado, fotografado, transcrito, editado, revisto em diferentes conversas e degustações, lembrado, re-annotado, pelo coletivo, em várias mãos”. Também fizemos capturas de tela da gravação em vídeo, o que, segundo Regina, é o melhor modo de fazer uma *fotonovela da fala* fazendo uma composição entre áudio e vídeo, edição do acontecimento captado e “não algo tirado de uma “tela em branco”.

Depois destes encontros, uma das pesquisadoras escutava várias vezes as gravações em áudio ao longo destas conversas para retirar dali material importante, selecionando aspectos para a escrita do texto, editando o seu conteúdo, ressaltando alguns apontamentos considerados mais relevantes.

Estes textos foram permanentemente revisados por Regina, apurando ainda mais as ideias e ações produzidas a partir de um acontecimento único registrado em sua oralidade e performatividade. Ao longo das conversas de edição contamos, ainda, com uma pesquisadora na função de escriba,³ com o objetivo de apoiar a elaboração do texto final. Sendo assim, podemos dizer que o processo de elaboração do capítulo nos possibilitou outra experiência ao revermos as imagens: pensar, recortar, incluir, falar, trocar impressões, escrever, rir, surpreender-se, emocionar-se.

Este material foi novamente partilhado com o coletivo de pesquisadoras no processo de confecção do livro, com o objetivo de acrescentar mais uma camada àquela experiência de 2015. O desejo de incluir este trabalho, foi o mote e a oportunidade para viver esta “continuidade”.

Cabe ainda salientar que tanto as gravações em vídeo, quanto das falas, possibilitam um *vai e vêm*,⁴ um “*olhar mais demorado*” sobre o que foi visto e falado, buscando-se assim maior polimento nas ideias. Estes procedimentos, a nosso ver, eram procedimentos de pesquisa, da pesquisa.

Essa estratégia que Regina denomina *Instalação Didática* permite a captação e edição do acontecimento aula/seminário, ou qualquer outro tipo de situação de produção de conhecimento, associada à clara visão da *dramaturgia* na qual esse conhecimento se produziu.

Nestes encontros demos um particular foco à questão metodológica da oficina, buscando delinear o caminho feito naquela intervenção junto ao grupo de pesquisadoras, assim como, examinar (atentar, verificar, notar, observar) alguns efeitos produzidos naquele encontro.

3 A função escriba é uma estratégia formativa utilizada por Regina Favre nos Laboratórios do processo formativo. Ver também Liberman et al., *Articulação prático-teórica e a produção de inovação no mestrado profissional em Ensino em Ciências da Saúde, Saúde & Sociedade*, vol. 24 n.º 2, São Paulo, 2015.

4 Grifos nossos para realçar algum aspecto ou conceito.



Foto 4. Vinculando

Na apresentação inicial de Regina, no vídeo, sobre o que faz e como faz no Laboratório do Processo Formativo, enfatizando o seu trabalho em torno dos processos de produção de corpo, conexões e ambientes ela diz: “sou uma pesquisadora de laboratório”. Desde o início, fica evidente que Regina está estabelecendo um processo de vinculação com o grupo, regado por uma disponibilidade que já é em si uma ação formativa. Observemos o corpo vincular na foto.

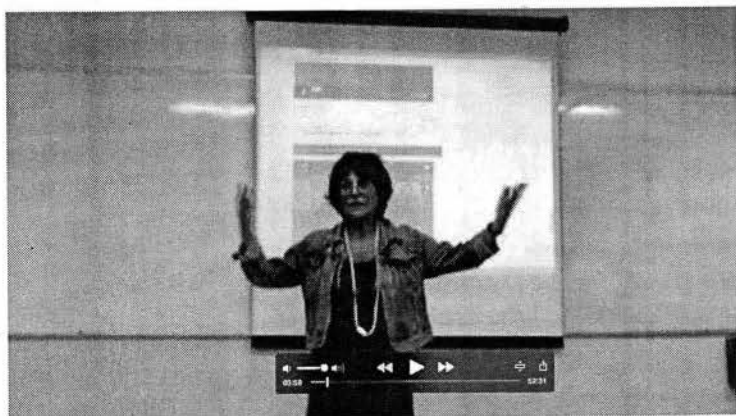


Foto 5. Disponibilidade

Regina comenta sobre este momento inicial da gravação: “você me encaminharam dois diários de pesquisa, temos algo em comum, tenho o que oferecer e *I care about you*”. Este momento de vinculação é importante para que possa acontecer um processo de corpos, mundos e pensamento. O vínculo se desenvolve na interação entre os corpos e seus discursos.

A nossa mensagem de e-mail para Regina

*Querida Regina,
Segue o resumo do projeto de pesquisa que estamos realizando. Como te disse, o grupo é grande e bem heterogêneo em relação à formação. Trabalhamos com diários de pesquisa. Vamos te enviar dois deles. O resumo do Projeto é para você ter uma ideia do que se trata e pensar por onde poderia contribuir. O método utilizado é a cartografia.
bj e vamos falando.
Nossa proposta é que venha no 19 de outubro.
bj, grata
Flavia (em nome do grupo)*

Não há, por parte de Regina, a exigência de que o material esteja pronto, acabado, mas considera o material respeitando e acolhendo o momento do processo formativo do grupo de pesquisadoras. Este modo de compreender o processo de produção muitas vezes é desconsiderado no ambiente acadêmico que exige, em muitos momentos, um produto acabado em um espaço curto de tempo. Neste sentido, as pesquisadoras estão atravessadas por esta lógica e tendo que lidar com esta exigência.

Fica uma questão em relação aos diários: Como captar finamente o acontecimento dos encontros em campo?

Regina comenta que, no início do encontro, desejava dar uma aula, tinha trazido toda uma tecnologia para se apresentar,

para usar como ferramenta, mas não aconteceu por problemas técnicos, o que fez com que ela, após a sua apresentação inicial, mudasse o percurso, escrevendo um quadro conceitual, uma **cartografia**, para o grupo saber como iria agir/intervir, segundo alguns conceitos. Na relação do corpo de Regina e a escrita dos conceitos, vai acontecendo uma interação que mostra a produção de um **pensamento encarnado**. Como usar o corpo para o encontro, como usar o corpo para o ensino, como funciona o corpo que pensa vincularmente?

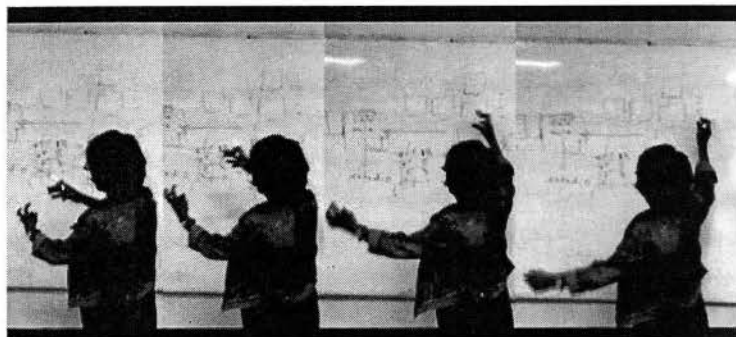


Foto 6. Cartografar

Para Regina, **vínculo** é o modo de ligação entre os corpos, suas camadas e estratos, formando redes, campos, territórios, mundos. Esse é um conceito inicialmente extraído da etologia presente no pensamento psicanalítico de John Bowlby. A palavra **vínculo** nas línguas latinas é muito forte e pesada, diferentemente da palavra em inglês *bond* que traz o sentido da ação, condução, enlaçamento. Conectar é inerente a condição dos corpos do micro ao macro. Considerar o corpo como um “em si” é totalmente ilusório, alimentando a visão liberal de mundo onde o que vale é o indivíduo. Somos parte, canal e amadurecemos para o coletivo, formando e sendo formadas pelas forças coletivas.

Os corpos humanos, em seu processo de se fazer no tempo, necessitam inicialmente do vínculo fusional com o corpo materno e seguem se afastando em direção aos ambientes cada

vez mais coletivos na medida em que amadurecem para a realidade de que a individuação é apenas um processo de diferenciação, e não a realidade última dos corpos. É muito belo poder-mos nos identificar com a estrutura do vivo, do micro ao macro, onde aquilo que garante sua metaestrutura é a sustentação da agregação de si e conectividade com os ambientes. Atenção: SI não quer dizer individual, mas apenas um processo **AUTO** e **LOCAL** no campo de produção dos corpos.⁵

Depois deste momento de apresentação de Regina e de seu trabalho em mostrar conceitos norteadores e reconhecer a “**encomenda**”, passamos para a **ação grupal**.

A proposta

Uma intervenção com o grupo de pesquisadoras que estava com um problema.

A proposta seria então: situar o problema, para que o processo formativo do grupo, do pensamento, da produção, pudesse dar continuidade, pois para Regina, o grupo parecia estar “**andando em círculos**”.

Há uma prática deste grupo, trabalhar-se para seguir a pesquisa, mas naquele momento não tínhamos clareza sobre qual era o problema. Então tratou-se de **buscar o O que?** Que seria **problematizar ou reconhecer o problema** que estava acontecendo neste grupo, para poder intervir.

Regina diz: “do mesmo modo que a gente continuamente precisa trabalhar transições, pequenas ou grandes, na nossa vida, no nosso trabalho, nas nossas relações, nas nossas formas, em todas as coisas, a gente precisa se instrumentalizar para ser participativo nesta transição”.

⁵ Stanley Keleman inicialmente nomeou este campo de produção dos corpos com o conceito *bodying field*, traduzido por “campo corpante”. Este conceito se refere aos ambientes onde se fazem e se desenvolvem os corpos por meio das forças vinculares (Keleman, 1992).

Falamos ali da concretude do acontecimento, conversando sobre o que é um trabalho presente de corpos, condições, ambientes, cenários, tecnologia. Regina aponta que “a realidade é super complexa e ela deve ser operada e cortada de forma inteira, com precisão e entendimento das camadas, e não só no pensamento como sobretudo academicamente se faz”.

O problema

O grupo estava por fazer uma transição que era entregar um relatório. O grupo estava encontrando dificuldades em fazer isto. Por isso estava **enredado**.



Foto 7. Enredar

Isto ficou mais claro quando o grupo dramatizou uma cena em que tinha as pesquisadoras como protagonistas e, com o auxílio de barbantes, buscavam encenar várias personagens presentes em seus diários de pesquisa. Segundo Regina: “era uma confusão de cordas, em que todas estavam amarradas a todas e imobilizadas por todas”.

A proposta

Produzir O quê? Configurar, intervir, desestabilizando para proporcionar a emergência da mudança.

Da apresentação à dramatização

O grupo, à certa altura, tinha uma consulta a fazer relacionada ao tema das redes.

Foram enviados previamente para Regina dois diários de pesquisa elaborados por dois subgrupos de pesquisadoras. Foi apontado por Regina que havia, como em outras ocasiões, o problema de “excesso de dados” na pesquisa. O que fazer?

Regina pediu: “vamos fazer uma cena do problema de vocês”.

E busca provocar os corpos **para começarem o processo de se ativarem para o presente**.

Observando no vídeo o momento inicial da dramatização, na cena das cordas, Regina aponta que o grupo estava amarrado nos escritos de seus diários, “com um passado acumulativo, perfeccionista, detalhista, querendo fazer bem feito, mas com muito medo de se afastar disso e deixar acontecer. Difícil esta hora da publicação”.

Também tratamos das diferentes camadas de produção de conhecimento. A ida a campo, das pesquisadoras, alimenta esse campo com conceitos e práticas, isto é, as pesquisadoras no campo oferecem, de modo intencional, diferentes alimentos: linguagens, práticas, promovendo desafios cognitivos, físicos, emocionais, produzindo acontecimentos que serão lidos e expressos simultaneamente, na captação de dados e na produção dos diários. Isto também produz um excesso de dados.

Como o grupo passou de um acúmulo de notas para ações práticas, para desenhar uma ação? Era o que nos perguntávamos.

Como foi o nosso convite para lidar com o problema do grupo?

Vamos chamar alguém corporalista. Algumas pesquisadoras que pensaram no convite a Regina estavam com receio pois não sabiam se o grupo iria aceitar esta proposta. O grupo, poroso, aceitou e se beneficiou da experiência. Colocou-se em estado de disponibilidade.

Mobilizar o corpo para desbloquear e extrair dele expressão própria, característica de grande parte das práticas do corpo em situações clínicas ou apenas grupais, é muito diferente do que Regina pensa e faz em relação à inclusão do corpo nas várias situações. O que importa para ela, é ativar a continuidade do processo formativo dos corpos e seus ambientes, considerando que é inerente à vida prosseguir formando-se e (re)formando-se, em um processo contínuo de produção de formas. Os corpos querem prosseguir em direção ao futuro e aumentar sua potência conectiva que, na linguagem de Darwin, seria aumentar sua capacidade de adaptar-se a situações novas selecionando mutações do funcionamento: inibindo algumas e propiciando outras.

O que é pensar formativamente?

É praticar conceitos para produzir mudança. É focalizar no que é, no como é, no como desestabilizar a forma atual, no como esperar a emergência do novo. É participar com o corpo inteiro e pensar ao mesmo tempo, acompanhando o que de fato está acontecendo. Isso é muito diferente de surpreender um grupo, ou sujeito, com uma grande mobilização que deixa o grupo “fora de si”. Isto acontece muitas vezes nos trabalhos com o corpo, o que não ajuda muito a pensar ao mesmo tempo e encarnadamente. Não se trata de interpretar a expressão dos corpos, mas evidenciar seu pensamento/funcionamento.

Regina lida com o que chama de “o corpo da esquizoanálise” (Guattari, 1988), a concretude da análise institucional com um conjunto específico de ferramentas metodológicas e conceituais. Ela usa o referencial kelemaniano na sua concep-

ção do corpo para a esquizoanálise, que é desenvolvida neste capítulo. A oficina mostrou o que é **uma análise institucional concreta**. “Concretamente concreta”. Não foi uma coisa de se soltar e depois pensar a respeito. Ou tentar chegar a um corpo liberto, idealizado. Vivemos ali uma afinação da presença biológica, política, pessoal, histórica, de valores e poderes. **Presença = conexão, com e no acontecimento.**

A mudança tem um como

Na cena dramatizada, o grupo de pesquisadoras estava protagonizando personagens da situação-problema e havia, segundo Regina, **uma dureza**: “as pessoas estavam se percebendo duras de medo, medo de errar, em certo momento da cena, ninguém se mexia e, portanto, não conseguia prosseguir”.

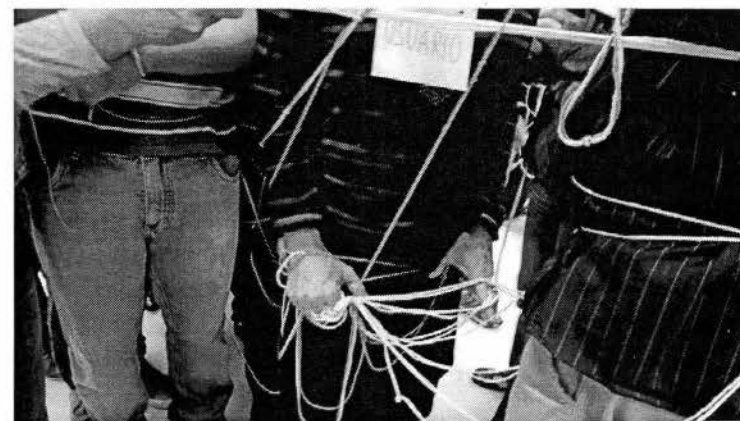


Foto 8. Linhas e nós

Mas por que estávamos duras? Durante um de nossos encontros para elaboração do capítulo, conversamos sobre o **lugar do corpo na academia**. Na academia, enxerga-se pouco o que os corpos fazem nas diferentes situações e tarefas. Esta não absorve o corpo como sujeito que vive e pensa. O corpo é valorizado apenas em sua dimensão biológica, como corpo saudável

(ou não) e por seu desempenho. Pratica-se e naturaliza-se um corpo adequado, o mais imperceptível possível. O corpo é avaliado na sua adequação a valores de classe, de beleza, de forma. Pensar é superior a viver o corpo, que, no máximo pode ser cultivado no esporte. Os pobres têm corpo, as classes superiores “se higienizam para caber bem na cena”. O corpo tem que esconder permanentemente quem é, invisibilizando sua singularidade.



Foto 9. (Des)estabilizar

A maioria dos problemas dos processos formativos tem a ver com a dificuldade em fazer as passagens, uma vez que a nossa vida, individual e coletiva, é um *continuum* com seus ritmos de transformação, estabilização, desestabilização, esperas... é um processo vivo de comportamentos e linguagens. O processo formativo diz respeito a: Como desorganizar as formas de fazer as coisas que não são mais úteis ou estão disfuncionais ou ultrapassadas? Como suportar a fase desorganizada? Como acolher os brotos da nova organização? Como dar estabilidade a alguma coisa e não ficar capturado pela estabilidade? Como regular de várias maneiras as formas que por si são mutantes? Como habitar este estado de mutação permanente e suas diferentes velocidades e ritmos? Como viver a concretude dos corpos que produzem e são produzidos nessa realidade que também está em produção

continua? É isso que Regina chama de **Processo Formativo**, juntamente com Stanley Keleman, americano, seu autor por excelência.

Keleman surge como parte do Movimento do Potencial Humano, dos anos 1960, que se multiplicou e expandiu pelo mundo com as inúmeras variedades do que se chama desde então *Body Psychotherapy*. Em sua visão do Processo Formativo, concebe o corpo como um processo no tempo que traz a potência de formar continuamente a si mesmo com as forças biológicas modeladas pelo vivido no mundo e nos vínculos. Keleman prossegue na tradição darwinista aplicando as noções de seleção natural e a mutação às vidas corporificadas em particular. Tarefa nada simples. Esse conceito que precisa ser visto e vivido para ser compreendido é inteiramente visual e é apresentado em seu livro central *Anatomia Emocional* (Summus Editorial) e desenvolvido em suas outras dimensões em *Realidade Somática*, *Viver o seu Morrer*, *Amor e Vínculos*, entre outros. Stanley Keleman vive em Berkeley, Califórnia, e mantém, há décadas, o *Center for Energetic Studies*, onde pesquisa, ensina e publica.

Como ser fio condutor, ser canal de acontecimentos?

Tínhamos um excesso de notas. Essa era uma das questões trazidas pelo grupo. Em relação a esse ponto, Regina provoca uma reflexão sobre vários aspectos das condições formativas do modo de funcionamento em questão: “vemos aqui uma questão institucional e também do presente, onde todos estamos imersos. Hoje é tal a **velocidade e a demanda de produção**, que as pessoas tem pena de “jogar fora” alguma coisa, pois tiveram muito trabalho. Esta quantidade de coisas/dados gera muita angústia”.

Outro ponto está relacionado a como “dar vazão” a tudo aquilo que é captado no campo. É um sofrimento criativo este da produção de conhecimento porque tem uma finalidade que é compartilhar com as pessoas. Mas, segundo Regina, vive-se ali também uma questão anal do conhecimento, uma retenção e um medo de mostrar o resultado. Então, como “desentupir”?

Como partilhar este conhecimento todo? Como soltar e fazer circular uma quantidade tão grande de dados?

Outro aspecto ainda é: como cuidar para não banalizar todo este conhecimento?

Regina aponta, “este grupo de pesquisadoras busca preservar a qualidade poética e singular dos acontecimentos, não oferecendo um *manualzinho barato* que não serve para nada, tipo faça assim, faça assado”. Para ela, esse é um dos problemas das pessoas que ensinam as práticas, ensinam *os comos*, o problema das formações rápidas e que captam grandes públicos, oferecendo “uma carta de motorista de aprendiz de feiticeiro”. São muitas camadas que envolvem a ida a campo, a produção e captação dos acontecimentos, o registro e análise dos dados e, posteriormente, a seleção e publicização desse material.

Como é selecionar o essencial?

Tomando seu próprio momento de organizar o seu arquivo, contendo todo seu material em vídeo, escritos, cartografias, glossários, fotografias, produzidas com diferentes grupos e pessoas, ao longo dos anos de pesquisa e ensino, Regina pergunta: **Como e o que** vai estar disponível no “congelador” para utilizar quando for preciso? Como organizar um material produzido hoje com tantas tecnologias à disposição?

Regina nos conta que está tendo a experiência de jogar fora blocos inteiros e chama a atenção para o fato de que o que vivemos hoje, em relação às tecnologias, é muito diferente do tempo em que alguém sentava e escrevia à mão, cadernos, cartas, um livro, um conto, um artigo, um capítulo, mandava para um editor que transportava para uma placa que o tipógrafo arrumava e imprimia para ser publicado. E isto faz pouco tempo!

Ela pensa que ainda não sabemos lidar com esta quantidade de tecnologias disponíveis para captação e registros da realidade e que não é somente uma questão deste grupo em particular. Aponta, ainda, que hoje os vários recursos de registro e estocagem de informações alimentam a ilusão de que vamos conseguir parar

o tempo e guardar os momentos incríveis que vivemos, haja vista a quantidade de fotos que as pessoas têm no celular. **É um problema do modo de subjetivação contemporâneo.**

E temos ainda o fato de que a academia exige uma produção permanente pela demanda de pontuação e produtividade para que a docente se mantenha credenciada em programas de pós-graduação ou para obter apoio financeiro em agências de fomento, além de **muitos outros problemas que estão associados a estas exigências de produtividade.** Segundo Regina, as pessoas têm a ilusão de que vão vencer esta exigência (acadêmica e outras!) registrando todos os minutos do seu dia, todas as suas ideias, vivem um *big brother*, onde tudo deve ser gravado em qualquer hora do dia e da noite. “Isto dá um filme sobre esta loucura dos processos de estocagem de pensamento, de acontecimentos, através das tecnologias digitais”... diz ainda “as pessoas precisariam de muitas vidas para olhar, selecionar, publicar tudo aquilo e ainda encontrar pessoas que se interessassem em deixar de lado a própria loucura e ocupar-se com a nossa”.

Completa que, aliado a isto, estamos em um momento de **valorização do autor-solo.** “Todo mundo pode ser autor”. De um lado essa é uma situação democrática e por outro, fomenta um narcisismo que envolve a ideia de que todos “somos artistas”.

A mão na massa da mudança

A prática formativa, ou autopoietica, proposta por Regina, intervém sobre o **processo de se fazer corpo** inerente aos corpos. A forma e o funcionamento dos corpos se organizam e se mantêm na relação com a ordem dos ambientes, no caso, da instituição. A instituição é a ecologia daqueles corpos, o ambiente, com suas regras, práticas, funcionamentos, sistemas de sobrevivência onde se modelam os corpos selecionando seus comportamentos em constante interação. Regina diz: “os corpos fazem as ecologias, as ecologias fazem os corpos”. O método cartográfico é fundamental para a captação e descrição desses ambientes existenciais.

Podemos nos perceber, no caso, alimentando ecologias perversas sujeitas ao mercado das tecnologias ou ao mercado da produtividade acadêmica com certo corpo (atitudes, comportamentos, relações entre corpos e atividades), que sustenta esse modo de funcionamento. Ou então, operar o que Regina chama de uma **dobra da subjetividade ou ativação do processo formativo**, assim explicado por ela:

Isso significa a possibilidade de intervir e trabalhar na desorganização de uma certa ordem repetitiva, limitadora da potência criativa dos corpos, analisando e experimentando nos mesmos, essas formas disfuncionais, que são os próprios modos de organização das relações com a produção, com o trabalho e com os diferentes corpos envolvidos na manutenção destas ecologias. É perceber como estes corpos repetem esse modo de ser sujeito dentro de certo ambiente, um modo de subjetivação, no caso, acadêmico.

Iniciar esse trabalho formativo requer um ato de vontade que suspende, por um momento, o funcionamento que está aprisionando os corpos a certo padrão limitador da potência e que gera sofrimento e frustração. Depois, é necessário impor uma estratégia sobre os corpos — as consignas e as experimentações com as formas — que lentifique as ações envolvidas naquele funcionamento repetitivo de modo que estas se evidenciem, não apenas na observação, mas na experiência vivida pelos corpos ali presentes.

Aí se inicia um trabalho de captação de si em ato que vai estabelecendo um campo neuromotor de sentidos onde a desorganização do disfuncional passa a acontecer graças a intervenção na própria forma do funcionamento — comportamentos e interações. Esse passo que exige a sustentação de um ritmo lento e profundo propicia a emergência de sinais de um novo funcionamento que vai se revelando mais articulado com as necessidades do presente. É necessário dar suporte a esse estado

pouco consistente ainda, e esperar os novos comportamentos se apresentarem, titubeantes.

Mas, uma vez experimentada a satisfação maior do novo funcionamento, ele passa a ser desejado e possível de ser cultivado e praticado, trazendo mais frescor para as ações, para os comportamentos e para os modos vinculares.



Foto 10. Tensionar

O grupo de pesquisadoras tem críticas e discute, muitas vezes, sobre os diversos enredamentos a que somos submetidas no trabalho acadêmico. Mas, como é difícil desorganizar aquela sujeição aos modos de subjetivação presente ali! Aí é que entra o corpo, o processo formativo.

Como você faz? Como você está dentro deste campo? “Você precisa primeiro fazer uma cartografia deste corpo, deste ambiente em seu vai e vem formativo”.

Em relação a estes modos de subjetivação salientamos que na Unifesp, assim como, na maioria dos ambientes acadêmicos, estamos imersos em certa forma de se fazer ciência. Para a predominância do olhar biomédico, fazer um trabalho contendo, por exemplo, quatro narrativas é muito pouco, ou tratar de apenas

um caso, parece não ter valor naquela ecologia acadêmica. Há uma tendência a universalizar e generalizar. Há, porém, outras tendências, forças minoritárias, que afirmam outros modos de produção de conhecimento.

Há também a questão da publicação como apontamos anteriormente, mas temos “as nossas revistas”, “nossos coletivos” que são muito bons, potentes. Estamos assim, com nossos aliados, fazendo uma **micropolítica**, pois há pessoas e coletivos que, em meio a este caos, buscam fazer de outra maneira.

Durante o nosso encontro também pudemos abordar o tema da coparticipação, tão presente em nossas pesquisas. Ao definirmos um projeto ou mesmo durante a sua realização, o grupo reflete constantemente sobre como incluir as usuárias ou as profissionais das equipes, tanto na elaboração quanto na produção de dados, análise e autoria das pesquisas.⁶

A este respeito Regina nos diz: “**participar** é reconhecer-se como parte. Os corpos formam a si mesmos com tecidos, modelando-se segundo suas relações com os ambientes presentes, internos e externos. Mas para alguém se reconhecer como parte de processos maiores é preciso amadurecer. Não basta decretar que é mais ético participar, cooperar. Não basta saber o que é melhor, pois quando os corpos não estão amadurecidos eles se vinculam dependendo, sugando, buscando reconhecimento, se opondo, seduzindo, dominando, violentando, mas não reconhecendo a condição de sermos de fato coletivos, parte produtora e produzida nas diferentes ecologias físicas, afetivas, “incorporais”.

⁶ Esta é uma questão que surgiu em outros momentos, como quando discutimos com a professora Virgínia Kastrup: como escrever juntos, seus desafios, problemas, limites e possíveis aberturas, problemática abordada no capítulo 3, *Acompanhando processos na pesquisa: uma conversa*.



Foto 11. Pausar e assimilar

Sentir-se como parte é uma conquista do processo maturacional. E isso só acontece quando o corpo aprendeu a conter a própria excitação e formou bordas de si suficientemente firmes que podem se abrir e fechar em relação aos ambientes e outros corpos, criar proximidade e distância, modelar diferentes formas conectivas e prosseguir formando corpo no presente com a experiência vivida. Os corpos existem, em primeiro lugar, para canalizar a vida e fazer circular as forças presentes nos ambientes. Esse é o principal mandato da vida na nossa biosfera e o que lhe garante continuidade e sustentabilidade. Mas isso não é nem um pouco simples nas nossas condições de colonização do planeta pelo capitalismo neoliberal global.

No campo da pesquisa isto é muito importante, pois a pesquisadora vai a campo contracenar com o que muitas vezes considera o seu objeto. Nesta relação posta como sujeito-objeto já estaríamos delineando um tipo de vínculo, neste caso, que precisa dominar e impor os próprios saberes e valores em vista de uma produção que vai beneficiar as pesquisadoras, em primeiro lugar, como produtoras de conhecimento. Este é mais um de nossos desafios atuando no campo e com as pessoas.

O momento da experimentação: cordas e corpos em rede e enredadas

Após o momento de apresentação, vinculação e ajustes entre Regina e o grupo, um dos subgrupos de pesquisadoras apresentou a proposta de realização de uma dramatização coletiva a partir de uma das categorias da pesquisa que tratava da questão das redes, produzidas pelas usuárias, pesquisadoras e profissionais da saúde.

Como proposição ao grupo foi solicitado que cada uma pudesse escolher uma tarjeta que era pendurada no peito com o nome da categoria de cada participante do processo de produção das redes formais e informais: usuária, vizinha, médica, psicóloga, agente comunitária e, também, encarnando modos de funcionamento de ferramentas de comunicação como o *WhatsApp*, protocolos, etc.



Foto 12. Trajetos

Com barbantes de diferentes cores, cada participante do grupo deslocava-se no espaço narrando as suas ações e organizando a dramatização que começava com o trajeto de “uma usuária perdida”, que segurando um rolo de barbante, movimentava-se por todos os lados, espalhando seus fios entre a médica, outra

usuária, a vizinha, buscando parceria ou alguma resposta para a sua demanda de saúde, iniciando assim o tecer da rede.

Observa-se, desde este momento o enredamento produzido pela dificuldade em encontrar respostas e pelo modo como se organizam os serviços, dando visibilidade para a passagem “de estados de rede para estados de enredamento”. Tal estado parece estar articulado à sensação de enredamento trazida pelo grupo em relação ao que fazer frente à quantidade excessiva de material produzido nos diários, uma questão já posta no início da oficina.



Foto 13. Uma centralidade

Outra pesquisadora incorpora uma agente comunitária que acabou por ficar no centro, enredada por todos os lados, amarrada entre a sua posição de fazer parte da comunidade e a sua relação com o serviço. Outra ainda fazia o papel da usuária que só queria se aproximar da médica, dizendo que queria ficar mais perto e colocando-se quase colada ao corpo dela dizia: “a médica me basta”. Note-se que cada “personagem” demonstra funcionamentos e ações que expressam diferentes necessidades e urgências, tecendo um emaranhado de linhas.

Pouco a pouco foram se agregando elementos ficcionais a outros, resultantes das observações e do trabalho das pesquisadoras em campo e a partir da leitura dos diários. Para Regina,

queríamos pensar como é possível produzir cuidado a partir da vida real das pessoas e não apenas a partir dos esquemas institucionalizados. E a dramatização vai explicitando “o caos” presente nos trajetos das pessoas, resultante da multiplicidade de elementos em jogo nesses percursos. E perguntamos: Como mover-se do caos formativo para a coagulação de linhas de ações que funcionem e conectem? Como fazer coisas sem enrijecer? Ou sem se perder e se diluir a cada vez?

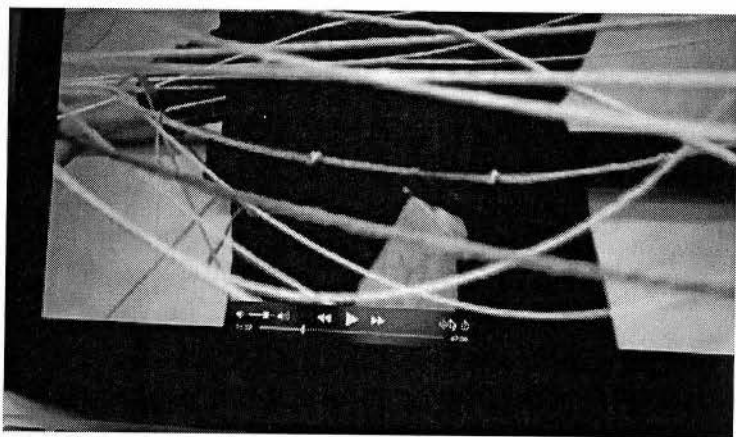


Foto 14. Corpos e redes

Ao final da cena montada vemos corpos paralisados pelos enredamentos e Regina neste momento diz: “sintam, de olhos fechados, em seus corpos, os efeitos das ações produzidas e comecem a comunicar a partir de verbos, que ação predominou em cada uma em seu trajeto: eu me perco/perder-se, eu me informo/informar-se, eu me reúno/reunir, eu decido/decidir, eu busco/buscar”. Pausa. Regina pede então que cada uma tente se mover um pouco nos enredamentos de fios. Com este pedido, intensifica os modos de funcionamento ali presentes. A intensificação propicia o início de um expandir e contrair do campo. Fazer mais e fazer menos. Devagar. Reativando o pulso vivo no campo antes congelado pelo medo de errar.

Regina faz uma intervenção: tensiona e faz mover um pouco as cordas. Depois ela entra na rede em um movimento trágico, intempestivo e surpreendente. Regina sai. Os corpos respondem a esta situação e neste momento as pessoas começam a se apoiar umas nas outras com braços, troncos, olhares. Os corpos começam a se tocar. A tensão das cordas se modifica. Pausa para reconhecer o que está acontecendo. Fim da cena.

As pessoas vão saindo das cordas e é possível ver no chão os vestígios do processo que ali aconteceu, ressoando nos corpos. Regina pede para cada uma escrever notas sobre sua experiência e depois o grupo compartilha.

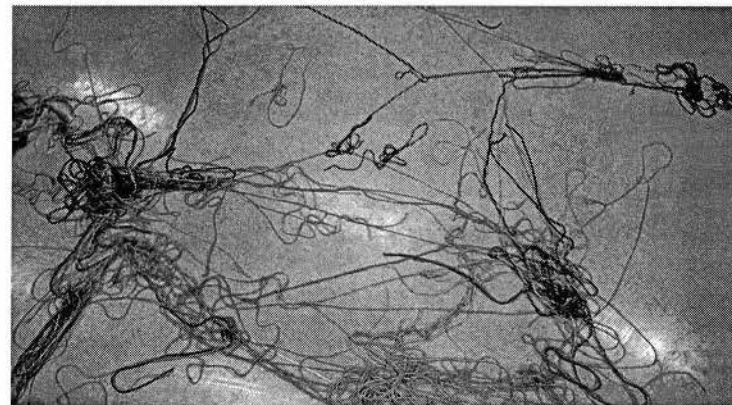


Foto 15. Rastros

Esta oficina, que buscou desvelar, lentificar, pausar e possibilitar o reconhecer de estados e processos, produziu um pensamento encarnado a partir da experiência. O grupo pôde situar-se em que momento formativo se encontrava para prosseguir na pesquisa.

Rever o vídeo e construir o capítulo permitiu-nos revisitar e agregar novas camadas àquelas presentes no momento da oficina. Pensar outras coisas. Este livro, que foi produzido a partir do material do processo de pesquisar, parece demonstrar que o grupo é um corpo vivo capaz de fazer transições, de cultivar os

dados, aproveitar melhor o material e produzir novas conexões, um pouco mais desenredado.

Referências

- FAVRE, R. Para uma ecosofia do corpo em tempos globais. *Compondo com potência IV*. out. 2015. Disponível em: <<https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2015/08/compondo-com-potencias-iv/>>. Acesso em 3 novembro 2018.
- GUATTARI, F. *O Inconsciente maquínico*. Ensaios de Esquizoanálise. Papyrus, 1988.
- KELEMAN, S. *Amor e vínculos*. São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- Laboratório do Processo Formativo [Internet]. Disponível em: <www.laboratoriodoprocessoformativo.com>.

Ressonâncias

PARA UMA ECOSOFIA DO CORPO EM TEMPOS GLOBAIS

Stella Maris Nicolau

Somos corpos na multidão que o mercado captura e molda formas de ser e viver que excluem e desconectam de redes, e, por outro lado, vende ilusões de inclusão como pílulas para apaziguar o terror que nos ronda. A vida se dá em rede e o nó que fragiliza também pode ser potência de transformação e tessitura dos esgarçamentos. Cultivar a potência de gerar a diferença: centro do trabalho de Regina no laboratório do processo formativo. Como captar o acontecimento dos encontros no trabalho de campo? Como pensar esses corpos vincularmente? Como acolher essa angústia de ter que transformar essa profusão de acontecimentos que produziram uma imensidão de registros e dados em um relatório de pesquisa? A academia prefere pensar o corpo a viver o corpo. O laboratório do processo formativo aborda o corpo no tempo. Processo vem do latim *procedere* e diz respeito a percursos, a passos para se chegar a algo e isso requer tempo. O processo de pesquisar e o processo de cuidar precisam preservar a qualidade poética e singular dos acontecimentos e ser construído a partir das demandas das pessoas.